

# Blusas Verdes: um contramovimento de mulheres na década de 1930

## *Green Blouses: a women's countermovement in the 1930s*

Gabrielle dos Santos Marques<sup>a</sup> 

**Resumo** O objeto deste trabalho é realizar uma análise de enquadramento da Folha das Blusas Verdes, uma coluna do jornal integralista A Offensiva. O movimento das Blusas Verdes era o movimento de mulheres integralistas na década de 1930. Assim, a pesquisa discute a partir do conceito de contramovimento como as Blusas Verdes disputavam com o movimento feminista da época uma visão sobre o papel da mulher na sociedade brasileira. Por meio de dois quadros de análise: ameaça e dever, foi possível perceber como o contramovimento teve que lidar com as novas demandas colocadas pelas e para as mulheres na década de 1930, dando respostas conservadoras aos movimentos feministas da época.

**Palavras-chave** Blusas Verdes. Contramovimento. Movimento Feminista. Integralismo. Análise de Enquadramento.

**Abstract** *The object of this work is to carry out a framing analysis of Folha das Blusas Verdes, a column in the integralist newspaper A Offensiva. The Blusas Verdes movement was the integralist women's movement in the 1930s. Thus, the research discusses from the concept of countermovement how the Blusas Verdes competed with the feminist movement of the time for a vision of the role of women in Brazilian society. Through two analysis frameworks: threat and duty, it was possible to understand how the countermovement had to deal with the new demands placed by and for women in the 1930s, giving conservative responses to the feminist movements of the time.*

**Keywords** *Green Blouses. Countermovement. Feminist Movement. Integralism. Framing Analysis.*

## INTRODUÇÃO

A intensificação de ativismos ligados à direita do espectro político tem engajado a Ciência Política em interpretações deste fenômeno. No entanto, por mais que seja notória sua acentuação no momento contemporâneo, movimentos ligados à

---

<sup>a</sup> Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: [marques.gaabrielle@gmail.com](mailto:marques.gaabrielle@gmail.com)

direita, ao conservadorismo e ao reacionarismo não são uma novidade no Brasil. Um exemplo disto é a Ação Integralista Brasileira (AIB), formada da década de 1930 e com atuação ativa até os dias de hoje, pelo menos através de seu site<sup>1</sup>. Apesar de ter sido objeto de estudo de diversas pesquisas na área das Ciências Sociais (Doria, 2020; Oliveira, 2010), há uma parte do movimento que não recebeu tanta atenção: as Blusas Verdes, o movimento organizado de mulheres integralistas.

Da mesma maneira, a participação de mulheres em movimentos conservadores e de direita não tem sido um objeto frequente de pesquisa seja sobre conservadorismo, seja dentro do campo dos movimentos sociais, ou ainda, em pesquisas sobre participação feminina na política. Apesar disso, a participação delas em movimentos e agendas conservadoras é central para a manutenção e organização desses movimentos, tanto contemporaneamente, quanto no passado como será discutido neste artigo.

À vista disso, em diálogo com parte da literatura que compreende a constituição e atuação de movimentos sociais de maneira relacional, o presente trabalho busca analisar as Blusas Verdes enquanto um contramovimento ao movimento feminista da década de 1930. Para isso, analisou-se a Folha das Blusas Verdes no jornal *A Offensiva* e também textos disponíveis no site do movimento, a partir da análise de enquadramento, em que se buscou compreender a visão do movimento sobre o papel da mulher na sociedade. Algumas edições do jornal estão digitalizadas e disponíveis no site da hemeroteca da Biblioteca Nacional<sup>2</sup>.

Fundada em 1932 por Plínio Salgado, a AIB, através do Manifesto de Outubro, define como suas principais características a valorização dos princípios cristãos, o nacionalismo, o combate ao individualismo - entendido como ponto central do liberalismo - e ao socialismo. Além disso, compartilha de características similares aos movimentos fascistas europeus, mas possui particularidades relacionadas à sociedade brasileira. Em 1945 se transformou em partido político, o Partido da Representação Popular (PRP), sendo uma marca política do período, ao ponto de alguns pesquisadores o considerarem o primeiro partido de massas do Brasil (Calil, 2001; Cardoso, 1999; Flach, 2000). Mas, o período também é marcado por outros movimentos, como o fortalecimento dos movimentos feministas. O sufrágio feminino brasileiro data de 1932 e é fruto da luta das feministas brasileiras. Devido à maior presença de mulheres na vida pública, Dos Santos (2022) destaca como Plínio Salgado possuía uma preocupação com o desenvolvimento de um deter-

---

1 Disponível em: <https://integralismo.org.br/>. Acesso em 13/03/2024.

2 Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=178586&pesq=&pagfis=1>. Acesso em 07/12/2023.

minado tipo de feminilidade para as mulheres na sonhada sociedade integral. O movimento tinha, portanto, um braço feminino importante, um movimento dentro do movimento, com nome e agenda própria, para discutir a situação da mulher brasileira, o movimento Blusas Verdes.

Ressalta-se que a ideia é discutir a ala feminina como um contramovimento. Não nos ateremos, assim, à discussão do integralismo de maneira geral. Acreditamos que o conceito permite elucidar a relação que as Blusas Verdes tinham com a disputa colocada sobre os papéis da mulher na sociedade, sobretudo em relação à visão de feminilidade ligada à maternidade e a família. Enquanto o conceito de movimento social tende a ficar restrito a uma relação do movimento com o Estado e deixa de ver como os movimentos se relacionam com outros, com os demais atores sociais e com as estruturas de oportunidade política de maneira mais ampla, o conceito de contramovimento desvela dinâmicas políticas mais complexas que acontecem na sociedade civil (Silva e Pereira, 2020; Meyer e Staggenborg; 1996; Banaszak e Ondercin; 2010; Tarrow e Meyer, 2018).

Dessa forma, o artigo apresentará uma breve discussão do conceito de contramovimento na seção a seguir, para em seguida apresentar o contexto da década de 1930 no Brasil, sobretudo, em relação aos movimentos de mulheres. Posteriormente, será feita a análise de enquadramento dos textos, por meio de dois grandes *frames*: dever e ameaça, e, por fim, algumas considerações finais serão estabelecidas. Foi possível perceber como a AIB teve que lidar com as novas demandas colocadas pelas e para as mulheres na década de 1930, dando respostas conservadoras aos movimentos feministas da época, através das Blusas Verdes. Assim, pode-se entender as Blusas Verdes enquanto um contramovimento aos movimentos por emancipação e revolução feminina da época.

## O CONCEITO DE CONTRAMOVIMENTO

De maneira geral, a literatura clássica analisa movimentos sociais a partir de sua relação com o Estado ou de seus próprios processos de formação interna, podendo-se afirmar que há uma concentração de investigações sobre as características e processos internos aos movimentos e suas formas de organização (Silva e Pereira, 2020). Tarrow (1998), por exemplo, analisa os movimentos sociais a partir do confronto político. É ele quem possibilita a emergência dos movimentos, quando atores não possuem recursos próprios e passam a agir a partir de repertórios de confrontos conhecidos. Apesar de o autor enfatizar que as análises devem situar os movimentos em sua dinâmica histórica particular, ele não aprofunda

a investigação de como o sucesso de determinado movimento pode implicar na emergência de movimentos contrários ou críticos.

Na medida em que um movimento é capaz de institucionalizar seu confronto político, eles se tornam mais hábeis em atingir suas demandas. No entanto, estas demandas tendem a ser objetos de disputa e controvérsia na sociedade. O conceito de contramovimento, desenvolvido através de perspectivas relacionais, é uma ferramenta analítica que contribui para a reflexão desse processo, ao propor um deslocamento do foco analítico para as relações de conflito entre as organizações de movimentos sociais de perfis ideológicos distintos (Silva e Pereira, 2020).

Ou seja, o sucesso de determinada demanda gera uma reação nos movimentos que também estão disputando essa mesma demanda. Mas, analisar esse imbróglio a partir de uma perspectiva relacional é mais complexo do que a ideia de que existe um grupo de atores agindo e outro respondendo. Nessa interação elementos são “coproduzidos por entes que se afetam e se modificam na própria relação” (Mendonça, 2023, p. 3). É nesse caldo que emerge um contramovimento, em oposição a um movimento estabelecido. Além disso, ao propor uma postura analítica relacional, o conceito também evidencia o ativismo de atores coletivos conservadores. Assim como há no campo uma tendência a valorizar a relação entre Estado e movimento social, ou as dinâmicas internas do movimento, havia uma propensão em priorizar atores coletivos progressistas, ou em posição de subordinação social (Silva e Pereira, 2020).

Jasper (2016) critica o uso do conceito de contramovimento devido a aparente arbitrariedade que haveria na definição do que é um movimento e o que é um contramovimento, em que normalmente movimentos conservadores são definidos como contramovimentos somente por serem conservadores. Mas, não há um consenso na literatura sobre a existência ou não de uma natureza ideológica ligada a emergência de um contramovimento. Para Mottl (1980), os atores do contramovimento são intrinsecamente conservadores e buscam a manutenção do *status quo* social. Já Lo (1982) propõe que o conceito de contramovimento está relacionado ao surgimento de um movimento em oposição a outro, sem que haja um caráter ideológico prévio. Nesse sentido, Tarrow e Meyer (2018) investigaram como, com a emergência do trumpismo, uma série de contramovimentos de caráter progressista agitaram a vida política estadunidense.

A definição de Meyer e Staggenborg (1996) oferece um terceiro caminho de análise. Através da formulação de um conjunto de hipóteses teóricas relacionadas ao surgimento de contramovimentos e ao seu desenvolvimento, destacam a importância das oportunidades políticas que emergem na relação com seus opositores.

Portanto, mesmo em uma dinâmica relacional as estruturas de oportunidades continuam sendo importantes. Neste caso, o sucesso de um movimento representa uma nova estrutura de oportunidade para o contramovimento, já que mudanças no contexto podem estimular ou restringir a sua atuação, sendo essa a primeira condição para a sua emergência.

Além disso, apesar das divergências internas do conceito, um elemento em comum é que todas as suas definições se constroem em relação de oposição e conflito com movimentos sociais já estabelecidos que desafiam interesses e modos de vida de determinado segmento da sociedade. Outros fatores também são importantes como: existência de organizações previamente constituídas que possam ser apropriadas e utilizadas como estruturas de mobilização, as formas como as demandas de um movimento social serão enquadradas e a disponibilidade de aliados políticos (Silva e Pereira, 2020). Em suma, a formação de um movimento e de seu opositor são processos complexos que envolvem diversas condições. É fundamental a emergência de um movimento para a surgimento de um contramovimento, mas apenas o sucesso do primeiro não é capaz de explicar o sucesso ou emergência do segundo. A contramobilização também depende de uma série de fatores que devem ser levados em consideração nas análises.

Silva e Pereira (2020) identificam cinco tendências de análise na literatura: a) impactos dos (contra)movimentos; b) construção de protestos e repertórios de ação de movimentos opositores; c) relação entre opositores e processo eleitoral; d) relação de opositores com o campo jurídico e seus agentes e e) batalhas de enquadramentos. Essa investigação se aproxima da última tendência. Parte-se do entendimento que havia uma disputa de enquadramentos sobre os sentidos do que seria ser mulher na sociedade brasileira na década de 1930 e nos interessa saber como o contramovimento das Blusas Verdes se colocava neste certame.

De maneira geral, as pautas relacionadas ao gênero são constantemente motivos de disputa na vida social. Mayer e Staggenborg (1996) mencionam como a controvérsia da pauta do aborto é um exemplo clássico desta disputa de enquadramentos e de como os movimentos de mulheres são marcados por conflitos entre progressistas e conservadores. As autoras, ao analisarem como o movimento antiaborto e a favor de sua descriminalização se mobilizam em constante interação, constituindo um contramovimento e um movimento respectivamente. Banaszak e Ondercin (2010) também investigaram a campanha sobre aborto e a Emenda dos Direitos Iguais nos Estados Unidos. Em sua pesquisa, as autoras utilizaram a cobertura midiática do *New York Times* para compreender como o movimento e o contramovimento se influenciam. Nessa perspectiva, a motivação

do contramovimento antiaborto é a ameaça que as conquistas dos direitos das mulheres representam para suas visões de mundo conservadoras. Em resumo, nas palavras das autoras, ambos lutam pelo controle de questões de gênero. O fato dos dois movimentos se influenciarem em torno de uma pauta em comum, o aborto, é importante, porque quando um movimento se concentra mais em uma questão específica, fica mais fácil para o contramovimento se mobilizar em torno do mesmo conjunto de objetivos e questões (Banaszak e Ondercin, 2010). Esse processo é contínuo, porque o ambos os movimentos se influenciaram em torno de uma pauta comum.

Apesar de romperem com alguns paradigmas clássicos da relação entre estrutura e agência, e ampliarem a noção de movimento social ao inserirem novos atores e novas dinâmicas, algumas ressalvas devem ser feitas ao conceito. A literatura do contramovimento ainda não lida bem com as desigualdades de recurso e poder que existem entre um movimento e um contramovimento. Silva e Pereira (2020) destacam a importância de pesquisas latinas visto que a maioria da população, nesta região, não goza de efetivo estatuto de cidadania, estando sujeita a violações por parte do Estado e das elites. Os grupos não partem da mesma posição e não têm a mesma capacidade de disputarem suas pautas. Outro ponto é o caráter antidemocrático que muitos dos contramovimentos podem assumir. É o caso das Blusas Verdes que veremos na seção a seguir.

## A DÉCADA DE 1930 E O MOVIMENTO DE MULHERES NO BRASIL

Segundo Meyer e Staggenborg (1996) a construção de um contexto histórico auxilia a análise de um contramovimento. Ela possibilita examinar como as táticas e pautas do movimento e contramovimento se influenciam. Mendonça (2006) também destaca a importância de se ter um olhar complexo e relacional, enfatizando a importância do processo comunicativo para análise dos Movimentos Sociais. Em um texto mais recente (2023), o autor também enfatiza a importância do contexto para pesquisas construídas sob a perspectiva relacional. Nesse sentido, esta seção do texto busca apresentar um panorama contextual dos movimentos de mulheres da década de 1930 no Brasil. Para isso, é necessário fazer um pequeno regresso à década de 1920.

Em 1922, na cidade do Rio de Janeiro, ocorreu o I Congresso Internacional Feminista, organizado por Bertha Lutz, que, posteriormente, criaria a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPB). Herdeira de uma família tradicional, se formou em biologia na *Sorbonne*, gozava de reconhecimento e trânsito político nacional e internacional, o que, para Pinto (2003), foi fundamental para o

sucesso de seu feminismo. Desde o início, a Federação conseguiu circular dentro dos espaços políticos tradicionais, contando com apoio inclusive de importantes políticos da época. No entanto, não era apenas Lutz que vinha de uma família abastada: as principais lideranças do movimento também vinham, havendo um caráter extremamente elitista nele. A luta central da FBPF era pelo direito ao voto e foi a instituição mais consultada pela imprensa da época para debater o movimento feminista (Soihet, 2006; Sarmiento, 2017).

Apesar do notório reconhecimento, ele não era o único movimento feminista da época. No Rio Grande do Norte, em 1927 a Articulação Juvenal garantiu o voto para a primeira mulher brasileira: Celine Guimarães. Em 1928, Elvira Komel se tornou a primeira eleitora de Minas Gerais. Alguns anos depois, ela promoveu o I Congresso Feminino Mineiro e liderou uma associação de mulheres que lutavam por seus direitos, agregando até 8 mil mulheres.

Os movimentos feministas anarquistas também tiveram forte circulação à época. Maria Larcerda de Moura foi uma das principais expoentes. Defendia o amor livre e a educação sexual, além de criticar as ideias da existência de deus e do amor à pátria. Seu feminismo lutava pela educação como um fim em si mesmo e não como uma reivindicação associada ao papel de esposa e mãe.

Em 1932, o direito ao voto feminino foi incluso no novo código eleitoral. A FBPF continuou suas atividades lutando pela ampliação de direitos femininos assim como outros movimentos feministas e de mulheres permaneceram ampliando a gama de demandas. Nas palavras de Pinto (2003), havia “um novo espírito de época, [que] começava a tomar forma nas cidades, por meio de movimentos de opinião que buscavam alastrar a participação política” (p. 28).

A imprensa era ativa na cobertura dos movimentos feministas. A pesquisa de Sarmiento (2017) demonstrou como o tema do sufrágio era o mais presente na cobertura midiática sobre a luta das mulheres nesse momento, além de uma série de reportagens sobre as atividades dos movimentos em si e os temas da inserção no mundo do trabalho e do comportamento feminino. O próprio campo do jornalismo percebia uma diferença entre os diversos movimentos feministas da época. Sarmiento (2017) identificou como a cobertura jornalística foi feita a partir de dois *frames*: a feminista desviante e a feminista aceitável. A segunda era aquela que não deslocava os padrões de feminilidade colocados para as mulheres, enquanto a primeira se aproximava da leitura de Matos (2008) sobre a categorização estereotipada de feministas, como “masculinas”, “feias”, “mal-amadas”.

Além da mídia formal, o jornalismo independente também era fundamental à época. De maneira geral, os grupos que se pretendiam apresentar à sociedade

usavam a imprensa como canal de comunicação, pelo menos entre as classes médias urbanas, dado que a mensagem escrita era a principal forma de comunicação de massas. E os movimentos de mulheres e feministas também lançaram mão dessa estratégia, tanto em grandes veículos, quanto em pequenos jornais. Freitas (2018) analisou quatro importantes veículos da imprensa feminista brasileira: *Mulherio* (1981-1988), *Nzinga Informativo* (1985-1989), *Nós Mulheres* (1976-1978) e *Fêmea* (1992-2014), que apesar de serem em outro recorte temporal são um exemplo dos diversos usos da imprensa por movimentos feministas em diferentes momentos da história do Brasil. O jornalismo feminista anarquista é outro exemplo, elucidando a opressão feminina casada à opressão de classe. Constituído, principalmente, por mulheres operárias da indústria têxtil, elas usavam a imprensa para evidenciar a opressão feminina enquanto estrutural, além de tematizarem questões tidas como tabu como o amor livre.

Em suma, na década de 1930 havia uma movimentação de mulheres feministas que se expressavam de diferentes formas, com diferentes ideologias e consequentemente diferentes graus de radicalidade. Longe da ideia defendida por alguns intérpretes da história do Brasil de que este seria um país amorfo, a pesquisa sobre os movimentos de mulheres, isoladamente, já evidencia a riqueza de manifestações políticas que aconteciam por parte da sociedade civil. Entre as mulheres, havia as burguesas, as anarquistas, as discussões sobre as condições específicas em que as mulheres negras se encontravam e, claro, aquelas que negavam o feminismo e discutiam a condição da mulher brasileira sob outra perspectiva, como é o caso das Blusas Verdes, que apresentaram suas *theses* à sociedade brasileira por meio de sua Folha no jornal *A Offensiva*.

## AS BLUSAS VERDES

O termo blusas verdes é o feminino para camisas verdes, nome usado para identificar um militante integralista. No dia da fundação da AIB, em sete de outubro de 1932, o voto feminino já era uma realidade. Portanto, a expressão de inspiração fascista brasileira organizada nasce em um contexto de maior emancipação feminina, de maneira tal que não poderia ser ignorada por seus idealizadores. O peso do voto feminino também não poderia ser negligenciado. Plínio Salgado tinha uma preocupação com o desenvolvimento de um determinado tipo de feminilidade na sociedade brasileira. Pare ele, as mulheres deveriam ser resguardadas das ideias feministas, que buscariam masculinizá-las, e também das futilidades do liberalismo e do socialismo. No entanto, Lopes (2007) aponta como o papel da militância feminina dentro do Integralismo foi pouco documentado. Logo, entender o lugar

das mulheres dentro do movimento é importante porque rompe com a ideia de que as mulheres eram manipuladas e também contribui para estudos sobre mulheres em movimentos conservadores, algo que ainda é pouco desenvolvido, apesar de ser fundamental, já que muitas delas estão inseridas em movimentos desse tipo atualmente (Santos, 2022; Sarmiento et al, 2023). Além disso, para a discussão aqui estabelecida é importante compreender como as Blusas Verdes estavam respondendo aos movimentos feministas e disputando uma visão sobre o papel da mulher na sociedade brasileira.

Para analisar essa disputa por sentidos, a análise de enquadramentos de conteúdo discursivo (Mendonça e Simões, 2012) serviu de inspiração analítica. A análise de enquadramento é um método que auxilia na investigação discursiva, nas mudanças e disputas de discursos presentes na sociedade através da pesquisa de como quadros de sentido são produzidos, mobilizados e interagem com outros quadros de sentido (Mendonça e Simões, 2024). Ou seja, essa abordagem metodológica analisa enunciados discursivos de natureza variada, a fim de captar o modo como a realidade é enquadrada por eles. Em outras palavras, trata-se de compreender o modo como discursos estabelecem molduras de sentido que enquadram o mundo a partir de perspectivas específicas. Os enquadramentos são estruturas interpretativas que atuam como esquemas que orientam a compreensão do mundo e engajam os sujeitos em uma situação específica (Goffman, 1986), são pacotes interpretativos que respondem à pergunta: o que está acontecendo aqui? (Mendonça e Simões, 2012).

A análise de enquadramento é usada em pesquisas de natureza diversa, mas a maior parte delas investiga como os meios de comunicação enquadram acontecimentos, especialmente relacionados às questões políticas (Sarmiento, 2017). No entanto, esta abordagem metodológica também pode ser muito útil para análise de contramovimentos. Mendonça (2023) destaca como as perspectivas relacionais, com a qual o conceito de contramovimento se vincula, possuem uma centralidade discursiva fundamental. Dessa maneira, acredito que uma metodologia que também é centrada em processos discursivos se mostra coerente com a abordagem teórica. Mendonça e Simões (2024) destacam a utilidade do método para mapear conflitos públicos discursivos, o que também é objeto dos estudos dos contramovimentos. Assim, a análise de enquadramento pode contribuir para mapear o debate sobre temas controversos, entender como discussões sobre temas específicos são desenvolvidas, quais são os enquadramentos disputados na arena pública e investigar como um conteúdo discursivo estabelece uma rede de significados (Mendonça e Simões, 2017).

Sarmento (2017), em diálogo com Benford (2003) e Snow e Benford (1992) demonstra a utilidade da análise de enquadramento para a investigação de movimentos sociais de maneira mais ampla. Através dela é possível mapear como um contramovimento constrói discursivamente suas demandas em relação a outro e disputa, na sociedade, determinadas pautas. Entman (1993) também destaca como a compreensão dos quadros ajuda a iluminar muitas controvérsias empíricas e normativas. Para o autor, o ato de enquadrar é selecionar um aspecto da realidade percebida, promover uma definição particular de um problema, uma interpretação causal, uma avaliação moral e/ou tratamento recomendado. Os textos das Blusas Verdes possui todos esses elementos: o feminismo, liberalismo e socialismo são uma ameaça a sociedade brasileira, sendo, portanto um problema que precisaria ser combatido por um movimento forte, coeso e organizado. Nesse enfrentamento as mulheres têm um papel importante, garantindo o estabelecimento e manutenção de um Brasil cristão e soberano.

A fim de saber como as Blusas Verdes, através de seu espaço no jornal *A Offensiva*, lia o avanço do movimento feminista e disputava qual deveria ser o papel da mulher brasileira foram estabelecidos dois quadros prévios de maneira dedutiva: ameaça e dever. Com isso, espero me afastar da crítica feita por Mendonça e Simões (2012) que aponta como frequentemente as análises de enquadramento usam temas facilmente delineáveis e quantificáveis, ou análises computadorizadas que confundem *frames* com conjunto de proferimentos, deixando de pensar os quadros como estruturas complexas para se tornarem interpretações puramente estratégicas advogadas por atores específicos.

Além disso, a análise do contexto em que se inserem os quadros de sentido é de extrema importância para a investigação. Por isso, a contextualização do que foi o movimento das Blusas Verdes, do movimento Integralista, do movimento feminista e da Folha das Blusas Verdes dentro do jornal *A Offensiva*, além de ser importante por situar a leitora, também faz parte dos primeiros passos do método de análise. Na seção anterior, foi brevemente abordada a importância da imprensa para os movimentos sociais da época. Bairros (2012) destaca como a imprensa foi indispensável para a circulação de seus princípios e também o é para a reconstrução histórica do movimento, sobretudo em relação aos estudos de gênero. A AIB não ficou de fora e mobilizou um jornalismo próprio, através da revista *Anaué* e o jornal *A Offensiva*, para angariar novos militantes e disseminar suas ideias. Pinto (2016), em diálogo com Fiorucci (2014) e Santos (2022), destaca como a imprensa integralista era responsável por contrapor o discurso feminista “apontando como o destruidor da moral feminina, dos costumes religiosos supri-

midos pelo materialismo e como desvirtuador da família permitindo a entrada do comunismo nos lares” (Pinto, 2016, p. 19).

A *Offensiva* foi distribuída na cidade do Rio de Janeiro (RJ) entre os anos de 1934 a 1938, mas somente em 1936 incluiu a Folha das Blusas Verdes, publicada aos domingos. Sua escrita era de responsabilidade da Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e dos Plinianos. Os textos versam sobre o cuidado do lar, da família e dos filhos, o papel de uma Blusa Verde dentro do movimento e depoimentos de militantes. Também eram combatidos os males do capitalismo e liberalismo e era enaltecida a mulher cristã, mãe e construtora do pilar mais importante da nação: a família.

As edições do ano de 1936 estão disponíveis no site da Hemeroteca da Biblioteca Nacional do Brasil. São elas a edição 220 de primeiro de julho até a edição 298 de trinta de setembro. Em três delas, a Folha das Blusas verdes estava disponível: a edição 284 (13/07), 290 (20/07) e 296 (27/09). Em todas, a Folha era formada por apenas uma única página, ocupando um espaço muito pequeno em comparação ao restante do jornal. Além disso, há matérias repetidas entre as três edições, o que também não acontece no restante do jornal. Talvez, o movimento das mulheres integralistas ainda não estivesse tão bem consolidado neste recorte temporal. Para trazer mais robustez à análise, os discursos transcritos e textos disponíveis no site do movimento também fazem parte do *corpus*. Apesar do tamanho do *corpus*, é importante ressaltar que há pouca produção teórica sobre o tema, de maneira que a pesquisa almeja contribuir para preencher essa lacuna.

Tendo em vista que o objetivo era ler o movimento das Blusas Verdes como um contramovimento ao movimento feminista, os quadros de *ameaça* e *dever* possibilitaram investigar o que as integralistas entendiam como deturpador da sociedade brasileira e quais as correções para esses desvios. Pinho (2009) destaca como a imprensa é capaz de gerar uma disputa simbólica entre enquadramento sobre determinado fenômeno, tendo a capacidade de determinar interpretações válidas que serão consideradas pertinentes na discussão de um tema.

## AMEAÇA

Por se tratar de uma ideologia que almeja a completa transformação da sociedade brasileira, o Integralismo identificou uma série de ameaças à vida social e política do país. De maneira geral, a modernidade foi enquadrada enquanto um elemento nocivo. Tanto o comunismo, quanto seu antagonista, o liberalismo, foram interpretados como um desvio estrangeiro que tentava destruir a tradição brasileira. Eles também interferiam na feminilidade das mulheres, afastando-as de

sua “verdadeira natureza”. O mundo moderno, então, era visto como um lugar de extremos em relação ao que é considerado ser mulher: o bolchevismo diminuiria a mulher ao tentar masculinizá-la, e o liberalismo abandonou-a na luta pela vida e na futilidade. Ou ela era “escrava ou fútil”. O materialismo também era uma ameaça que deveria ser combatida, pois ele faria com que as pessoas não fossem capazes de se sacrificarem pela pátria. Soma-se ao materialismo, a intelectualidade cética, cosmopolita e sem traços de originalidade nacional. A consequência disso para as mulheres seria viver uma vida sob uma ideologia que as tornaria frívolas e carentes de formação nacional. A crítica à modernidade como algo estrangeiro e, conseqüentemente, não natural do Brasil, também é feita ao feminismo. Além disso, ele também é enquadrado como uma teoria que não respeita a natureza humana.

Urge, a bem da humanidade, um corretivo à loucura da mulher de querer igualar-se ao homem em tudo e por tudo, em contraposição às leis biológicas quando o que lhe compete é procurar corrigi-los dos seus vícios e desregramentos (Disponível em: <https://integralismo.org.br/documentos/a-mulher-a-familia-o-lar-e-a-escola/>).

Em outros textos a ideia de que há um destino natural às mulheres que é ameaçado pelo feminismo também está presente. A sufragista foi definida enquanto “o modelo mais ridículo” (Folha da Blusa Verde, edição 290), aquela que declarou guerra ao homem, que pretende ocupar todos os espaços masculinos, “só não pretende uma coisa: - Desenvolver as suas qualidades próprias de Mulher” (Folha da Blusa Verde, edição 290). Desse modo, o feminismo era uma ameaça na medida em que afetava a mulher dos papéis sociais “naturais” ligados à feminilidade.

Não será de certo, por meio desse falso feminismo que devasta tantas almas, que tem levado e está levando a sociedade e as nações a regressos lamentáveis, que ela conseguirá desempenhar-se de sua missão natural e sublime, nem cumprir seus deveres múltiplos, básicos, indispensáveis para o bem-estar da humanidade (Disponível em: <https://integralismo.org.br/documentos/a-mulher-a-familia-o-lar-e-a-escola/>).

No texto de Margarida Corbisier, publicado em 1937, o feminismo foi delineado enquanto um conceito que nega a diferença entre a função social do homem e da mulher. Já, em outro texto, disponível no site, Nair Nilza Perez parece rebater as críticas que as mulheres integralistas estariam recebendo por parte de feministas.

Segundo a militante, as mulheres das grandes capitais seriam contra o regime integralista por acreditarem que nele as mulheres ficariam tolhidas de seus direitos públicos e políticos. Em contrapartida, as mulheres do interior estavam clamando contra o feminismo:

As patrícias nossas lá bem do interior, numa verdadeira “procissão do desencontro”, clamam em altos brados contra a doutrina nova, que quer levar a mulher brasileira para o feminismo dissolvente e corruptor dos yankees e dos que habitam as estepes geladas da Rússia. [...] Tudo isto não passa, porém, da propaganda calada, sorrateira, tenaz que os nossos inimigos fazem, insuflando no espírito das brasileiras das grandes cidades que o Integralismo é um modernizador iconoclasta. [...] Nós queremos a família brasileira bem brasileira, conservando as tradições suaves e magníficas de nossa terra, não invejando nem procurando imitar as ideias materialistas que Hollywood lança no cinema, como a maçã do Paraíso para que as Evas ingênuas e curiosas continuem a cair, a pecar... [...] Nós queremos os sentimentos cristãos dominando, novamente, na alma de nossas patrícias, fazendo-as embalar os filhinhos ao som dos cânticos embaladores da mãe preta e não ao som dos foxes norte-americanos (Disponível em: <https://integralismo.org.br/documentos/o-integralismo-e-a-mulher/>).

O trecho também salienta outra ameaça à vida das mulheres e das famílias: os novos produtos e hábitos culturais que circulavam no Brasil. Em diversos trechos eles são enquadrados como responsáveis por disseminar uma cultura degradante no país, baseada em valores que “contribuem para o despudor e degradação da mulher”. Na edição 290, é, inclusive, recomendado que as mulheres integralistas evitem a má literatura e o cinema.

A seminudez das mulheres nos bailes, teatros e banquetes, a quase nudez nas praias, a representação na tela dos cinemas de atos os mais íntimos, as cenas de amores e beijos, com requintes de lascívia, assistidos sem vexame por senhoras, moças e meninas, são um atestado do relaxamento moral da época presente, uma provocação libidinosa, uma afronta ao pudor, o perfume delicado, o talismã com que a mulher consegue impor-se ao respeito e à estima dos homens (<https://integralismo.org.br/documentos/a-mulher-a-familia-o-lar-e-a-escola/>).

Na Folha, há uma lista de itens que escravizariam a mulher, como por exemplo, quando homens tratam as mulheres como animais de luxo, quando a mulher se

guia pela ditadura da moda, a condescendência com que a sociedade burguesa encara a relação entre homem e mulher, o salário insuficiente que os pais de família recebem, obrigando as mulheres a trabalhos ainda mais desvalorizados. Além disso, a ostentação das mulheres ricas, que incentiva o gosto pelo luxo nas mulheres mais pobres, o que levaria a prostituição, as teorias de uma “falsa ciência”, que reduz tudo a uma questão sexual e torna a mulher um mero instrumento de prazer, os casamentos por motivos de interesse financeiro e não de mútuo amor e sentimento de responsabilidade moral, o comodismo, o egoísmo e a vaidade, característicos da sociedade burguesa. Esses males, ou “frivolidades”, deveriam dar lugar a preocupações com o lar, com a sociedade, com a pátria e com deus, ao mesmo tempo que naturalizam o trabalho doméstico como responsabilidade exclusiva das mulheres dentro das famílias, mantendo a família como base da sociedade brasileira.

O divórcio, uma conquista recém obtida, é outro elemento que recebeu grande destaque. Dada a centralidade que a família nuclear possui dentro da ideologia integralista, a possibilidade de sua dissolução seria a modificação da “finalidade do casamento e ataca de cheio a prole, a felicidade dos cônjuges e a vida social”. A ideia de que o divórcio é importante para uma vida mais feliz e saudável quando um casamento já não faz mais sentido é combatida. Para os integralistas, ele não poderia ser um remédio para as infelicidades conjugais.

Ora, o divórcio invertendo a finalidade do casamento, desloca da prole para a felicidade dos cônjuges a razão de ser da sociedade conjugal. Nisso vemos, já se vê, uma perversão essencial, fruto do individualismo do século (Disponível em: <https://integralismo.org.br/documentos/a-familia-a-indissolubilidade-e-o-divorcio/>).

Nesse sentido, o divórcio romperia com a missão educativa das famílias, além de ser baseado no egoísmo colocando o “seu bem individual como medida”. A indissolubilidade do casamento garantiria o desenvolvimento natural das gerações futuras. E, para os integralistas, a dissolução da família seria a dissolução da própria sociedade.

As mudanças operadas na mulher, desviando-a dos seus atributos naturais, perturbaram profundamente o lar e a sociedade. Os divórcios aumentam em proporções alarmantes. Nos Estados Unidos contavam-se em 1920 à razão de 1 por 25 casamentos. Há que combater por todas as formas essa tendência à destruição dos fundamentos essenciais da sociedade. A natalidade mingua, a população

debilita-se, estaciona ou decresce, a família desmantela-se, o lar dissolve-se e a sociedade entra em corrupção e ruína. (Disponível: <https://integralismo.org.br/documentos/a-mulher-a-familia-o-lar-e-a-escola/>).

Mas, é interessante que, apesar de ver no feminismo uma ameaça à vida nacional, o movimento não preconiza, pelo menos discursivamente, pelo machismo. Ele também é enquadrado enquanto um desvio da sociedade. As “teorias masculinistas” que esquecem o valor da mulher e a isolam do convívio social seriam tão malélicas quanto o feminismo.

Uma sociedade, quer de ordem familiar, quer de ordem civil, que fosse edificada exclusivamente sobre o egocentrismo masculino, tornar-se-ia em pouco tempo uma sociedade mutilada e viciada, condenada inexoravelmente à esterilidade do raciocínio frio, à inanição da análise dispersiva e fracionadora, aos abismos vazios da abstração, ressequidas em suas profundidades, privadas de entranhas e reduzida a um mecanicismo absorvente e destruidor (Disponível em: <https://integralismo.org.br/documentos/a-ideia-central-do-integralismo-e-a-mulher/>).

Portanto, a função da mulher para o integralismo era algo no meio do caminho entre o machismo e o feminismo, era encontrar e desempenhar seu papel “natural” de mulher, cultivar uma feminilidade baseado no cuidado, empatia e amor ao próximo, como veremos a seguir.

## DEVER

A grandiosidade da utopia integralista de transformar toda a sociedade brasileira, além de identificar ameaças e inimigos, também elenca responsabilidades para a mulher dentro de sua militância. Logo, para alcançar os objetivos do movimento integralista as Blusas Verdes deveriam agir a partir de três pilares: a palavra, o trabalho e o exemplo. É pela palavra que se dá a doutrinação. É pelo trabalho que os integralistas respeitam a disciplina e exercem a modéstia, sendo pontuais e proativos. E é pelo exemplo, vivendo uma vida coerente com a doutrina integralista, que se espalha a “vida bela” pela bondade e pelo espiritualismo. Uma vida “virtuosa”, marcada pelo sacrifício e pela renúncia, uma vida “nobre”, “elevada” e “simples”.

Às Blusas Verdes era reservada uma série de responsabilidades dentro do movimento. A AIB contava com um Departamento Feminino que tinha como função oficializar e homogeneizar a participação delas. O departamento era formado por

diversos órgãos hierarquicamente organizados. O sucesso do departamento e a participação feminina foram tantos que, em 1936, foi criada a Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e de Plinianos (SNAFP). Sua responsabilidade era contemplar a participação feminina e unificá-la em todo o território nacional. Segundo seu regulamento sua finalidade era “orientar, dirigir, controlar e arregimentar todo o trabalho da Mulher e da Juventude Integralista” (Lopes, 2007, p. 42). Ou seja, dentro da AIB havia regimentos específicos para as mulheres, de forma a conduzi-las para a melhor versão que deveriam seguir os preceitos “Deus, Pátria e Família” (Santos, 2022). Para Lopes (2007), isso evidencia como o movimento do *Sigma* absorveu a demanda que estava colocada na sociedade brasileira à época: a maior participação política e social das mulheres. E as mulheres viam no movimento uma possibilidade de entrarem na vida política.

Além disso, foram definidos três papéis que caberiam à mulher na formação do espírito nacional: 1) o culto dos heróis no passado, 2) o culto das virtudes no presente e 3) o culto dos grandes ideais no futuro. Em outro momento, nas *theses* veiculadas na Folha, o dever da mulher integralista foi definido como dar o exemplo mais vivo de convicção e ardor pela causa, pelo trabalho, pela iniciativa, pelo esforço, pelo sacrifício e pela perseverança, além de disciplina, hierarquia, de união entre todas as companheiras, prestigiando-se mutuamente. Para isso, a educação era fundamental.

A educação parece ser um dos mais importantes deveres da mulher integralista. Ela aparece em diversos textos, como no Fortalecimento do Espírito Cristão Nacional e na Responsabilidade Com as Crianças e a Família. A revolução do espírito, necessária para o surgimento da sociedade integral, só seria capaz de acontecer a partir da educação. Na década de 1930, o Brasil ainda contava com uma massa de analfabetos e segundo Constituição Federal eles não tinham direito a voto. Logo, caberia às mulheres educar o povo para um novo Brasil e, consequentemente, cativar votos para o partido. A pesquisa de Bairros (2013) sobre as Blusas Verdes em Santos (SP) identificou como, próximo das eleições, os cursos de alfabetização eram reinaugurados e, também, novas escolas eram criadas pelos integralistas, a fim de alfabetizar e cativar novos eleitores, apontando para uma função extremamente estratégica das mulheres dentro movimento e do partido. Elas também deveriam elevar, cada vez mais, os valores do espírito, combatendo o materialismo, a ostentação e o luxo, o egoísmo, o comodismo burguês e a decadência dos costumes. Deveriam lutar pela moralização da sociedade, ensinar as crianças o culto dos santos e dos heróis, restaurar a verdade sobre a mentira contemporânea, elevar a dignidade do lar, enaltecer as virtudes domésticas, incre-

mentar a bondade, a compaixão, a solidariedade humana e incutir no meio em que se vive o culto de Deus e da pátria.

A escolha da mulher para desempenhar essa função não foi aleatória, mas consequência da visão conservadora do papel da mulher na sociedade, a ideia de que as mulheres teriam uma natureza mais dedicada ao cuidado, empatia e docilidade. A maternidade também foi central na pesquisa de Pinto (2016), em que é demonstrado como a função da mulher integralista era gerar filhos à pátria, educar e formar uma mentalidade cristã. Se a família é fundamental para o sucesso da sociedade integral, a mulher cuidando dela também o é, qualquer coisa longe deste modelo estaria condenada ao fracasso. Para Santos (2022), a maternidade é a fonte primária da participação das mulheres no movimento.

No entanto, Lopes (2007) e Pinto (2016) salientam que não se deve negar que, apesar de conservadora, a AIB foi inovadora ao preconizar que para exercer a função de mãe, esposa e dona-de-casa, a cultura e o estudo eram fundamentais. Além da educação, as Blusas Verdes também se destacaram pela sua atuação em áreas como saúde e filantropia.

Porém, o que o movimento compreendia como o papel da mulher era baseado em uma visão extremamente conservadora, cristalizando a feminilidade através da família e da maternidade. Afinal, a família é uma das bases sociais da sociedade integral, junto ao culto à pátria e a deus. Nesse sentido, um trecho do regimento do Departamento Feminino, em que é definida sua finalidade, é bastante elucidativo:

‘orientar e dirigir a ação da mulher brasileira no movimento e prepará-la para ocupar eficientemente no regime integralista o lugar que de direito lhe cabe’, reforçando o lugar de direito da mulher no Integralismo: a constituição e perpetuação da família e manutenção da estrutura do Lar (Lopes, 2007, p. 40).

A Blusa Verde era responsável por fazer com que seus filhos, pais, esposos cumprissem seus deveres de camisas-verdes. Ela deveria divulgar o movimento sempre que possível. Ser um exemplo de coragem, simplicidade para com os humildes e sofredores. Afirmar a brasilidade contra o cosmopolitismo, sustentando a superioridade da pátria e vestir a blusa verde com orgulho.

Assim, mulher é entendida como igual ao homem em termos hierárquicos, ela não é nem superior, nem inferior. Mas ela é diferente: é mais sensível, age mais com o coração. Ela possui diferentes tarefas no lar, na sociedade e na pátria. Há tarefas que se originam na natureza de cada um: “coisas que seria ridículo a mulher fazer; coisas que seria ridículo o homem fazer” (Folha da Blusa Verde, edição 284).

Nesse sentido, seria somente na sociedade integral que a mulher seria de fato livre, liberta dos males que a escravizam.

Na sociedade integral, seriam mantidos os lugares naturais da mulher ligados ao lar e à família, e a mulher teria direitos de fato. “Só uma concepção espiritualista da existência traz à mulher dignidade, respeito e liberdade” (Folha das Blusas Verdes, edição 284). É só no integralismo que a mulher consegue o desenvolvimento de suas qualidades particulares.

Queremos a mulher superior, cursando as Faculdades, ilustrando o espírito, lutando na vida prática ao lado dos homens como estímulo e alegria, e não se esquecendo nunca de sua condição de mãe, esposa, filha. A mulher integral terá: cérebro de homem, físico de mulher, coração de criança (Disponível em: <https://integralismo.org.br/documentos/o-integralismo-e-a-mulher/>).

A noção da obtenção da “eterna graça feminina” através do Integralismo, demonstra como as Blusas Verdes lutavam por uma ampliação de direitos de participação política, mas que mantivessem o *status quo* das práticas femininas conservadoras. Essa nova identidade mais emancipada na sociedade deveria se conciliar com seus deveres tradicionais de mulher de família e dona de casa e iam na contramão do que os movimentos feministas almejavam.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Ação Integralista Brasileira pode ser entendida como um braço organizado do Fascismo no Brasil, baseado no nacionalismo, cristandade e na família. No entanto, sua relação com a sociedade civil é complexa, na medida em que foi um importante partido de massa da história nacional e também possibilitou a participação ativa das mulheres. Este texto buscou mostrar como a AIB teve que lidar com as novas demandas colocadas pelas e para as mulheres na década de 1930, dando respostas conservadoras aos movimentos feministas da época. Assim, pode-se entender as Blusas Verdes enquanto um contramovimento aos movimentos por emancipação e revolução feminina da época.

O conceito permite ampliar e complexificar a perspectiva relacional para além das relações entre movimentos e Estado, saindo do binarismo movimento vs. Estado. Também permite analisar as relações entre grupos sociais opostos, que se organizam e se mobilizam em torno de uma determinada temática. Para a discussão teórica e empírica do artigo, a análise de enquadramento focada em mapear conflitos públicos discursivos (Mendonça e Simões, 2012) se mostrou uma

ferramenta metodológica útil na medida em que seus objetivos se aproximam dos elementos destacados pelo conceito de contramovimento. Além disso, a pesquisa também contribui para o campo de estudos sobre feminismos, que já conta com alguns trabalhos sobre a relação entre feminismo e imprensa, mas pouco sobre contra os feminismos.

É importante destacar que este artigo é uma tentativa inicial de mapear essas relações. Trabalhos futuros devem buscar conexões mais diretas entre os movimentos. A pesquisa de lideranças pode ajudar nesta empreitada, bem como um banco de notícias de maneira mais ampla. Além disso, buscou-se destacar como há uma expectativa de gênero dentro de movimentos fascistas, o que reforça como o tema não pode ser ignorado em debates sobre a democracia nem por pesquisas sobre movimentos de direita e conservadores. A disputa no campo do gênero, tão central no momento político atual, também estava presente em outros momentos da história da brasileira e investigá-la permite compreender deslocamentos e permanências neste fenômeno.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BANASZAK, Lee Ann; ONDERCIN, Heather (2010). Explaining Movement and Countermovement Events in the Contemporary U.S. Women's Movement. *Anais da Annual meeting of the american political science association*. Washington.
- BAIROS, Lilian Tavares (2013). O integralismo de saia: militância feminina nas fileiras integralistas em Santos. *Anais do Seminário internacional fazendo gênero*. Florianópolis. [https://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373305127\\_ARQUIVO\\_ArtigoSimposio2013.pdf](https://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373305127_ARQUIVO_ArtigoSimposio2013.pdf)
- CALIL, Gilberto Grassi (2001). *O integralismo no pós-guerra: a formação do PRP, 1945-1950*. Porto Alegre: Edipucrs,
- CARDOSO, Claudira do Socorro Cirino (1999). *Partido de Representação Popular: política de alianças e partidos nos governos estaduais do RS de 1958/1962*. Dissertação (Mestrado). Porto Alegre: Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- DORIA, Pedro (2020). *Fascismo à brasileira: Como o integralismo, maior movimento de extrema-direita da história do país, se formou e o que ele ilumina sobre o bolsonarismo*. São Paulo: Planeta.
- DOS SANTOS, Luana Dias (2022). Uma análise sobre a participação das mulheres no movimento integralista através das páginas do jornal A Offensiva (1936). *Revista de História da UEG*, v. 11, n. 01, p. 1-17. <https://doi.org/10.31668/revistaueg.v11i01.11901>

- FLACH, Ângela (2003). *“Os vanguardeiros do anticomunismo”: o PRP e os perrepistas no RS (1961-1966)*. Dissertação (mestrado). Porto Alegre: Departamento de História da Pontífica Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- FREITAS, Viviane Gonçalves (2018). *Feminismos na imprensa alternativa brasileira: quatro décadas de lutas por direitos*. Jundiaí: Paco Editorial.
- JASPER, James M (2016). *Protesto: uma introdução aos movimentos sociais*. São Paulo: Companhia das Letras.
- LOPES, Daniel Henrique (2007). *As experiências femininas na AIB, 1932-1938: Revendo o passado: Gênero e representações*. Dissertação (mestrado). Marília: Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista.
- MENDONÇA, Ricardo Fabrino (2006). Comunicação e movimentos sociais: em defesa de uma abordagem complexa. *Ecos Revista*, v. 10, p. 109-134.
- MENDONÇA, Ricardo Fabrino; SIMÕES, Paula Guimarães (2012). Enquadramento: diferentes operacionalizações analíticas de um conceito. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 27, p. 187-201.
- MENDONÇA, Ricardo Fabrino (2023). Âmbitos interacionais e seus diferentes contratos comunicativos: contribuições para a agenda relacional no estudo de movimentos sociais. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 38, p. 1-15. <https://doi.org/10.1590/3811035/2023>
- MEYER, David S., & STAGGENBORG, Suzanne. (1996). Movements, countermovements, and the structure of political opportunity. *American Journal of Sociology* v. 101, n. 6, p. 1628–1660.
- PINHO, Andrea Azevedo (2009). Os debates sobre o aborto na mídia brasileira: Dos enquadramentos midiáticos a construção de uma democracia plural. *e-cadernos CES*, n. 04, p. 135-156. <https://doi.org/10.4000/eces.233>
- PINTO, Celi Regina J (2003). *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.
- SARMENTO, Rayza (2017). *Das Sufragistas à ativistas 2.0: feminismo, mídia e política no Brasil (1921 a 2016)*. Tese (Doutorado). Belo Horizonte: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais.
- SARMENTO, Rayza; ELIAS, Maria Ligia GG Rodrigues; MARQUES, Gabrielle (2023). A comunicação digital e as pautas das deputadas brasileiras “de direita” no Instagram:-. *Terceiro Milênio: Revista Crítica de Sociologia e Política*, v. 20, n. 01, p. 59-83.
- SILVA, Marcelo Kunrath; COTANDA, Fernando Coutinho; PEREIRA, Matheus Mazzilli (2017). Interpretação e ação coletiva: o “enquadramento interpretativo” no estudo de movimentos sociais. *Revista de sociologia e política*, v. 25, p. 143-164.

- SILVA, Marcelo Kunrath; PEREIRA, Matheus Mazzilli (2020). Movimentos e contramovimentos sociais: o caráter relacional da conflitualidade social. *Revista Brasileira de Sociologia*, v. 8, n. 20, p. 26-49.
- SOIHET, Rachel (2006). *O feminismo tático de Bertha Lutz*. Santa Cruz do Sul: Editora das Mulheres/EDUNISC.
- OLIVEIRA, Rodrigo Santos de (2010). A evolução dos estudos sobre o integralismo. *Estudos Ibero-Americanos*, v. 36, n. 1, p. 118-138. <https://doi.org/10.15448/1980-864X.2010.1.7856>
- TARROW, Sidney (2009). *O poder em movimento: Movimentos sociais e confronto político*. Petrópolis: Editora Vozes.
- TARROW, Sidney; MEYER, David S(2018). Challenges of the anti-trump movement. *Partecipazione e Conflitto. The Open Journal of Sociopolitical Studies*, n. 15, p. 615-645.